

LIVRO RESENHADO:

VIGNA, ELVIRA. *COMO SE ESTIVÉSSEMOS EM PALIMPSESTO DE PUTAS*. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2016.

OS PALIMPSESTOS GEOGRÁFICOS DE ELVIRA VIGNA

Gabriel Fernandes de Miranda
Mestrando em Teoria Literária e Literatura Comparada (UERJ)

A leitura do mais novo romance da carioca Elvira Vigna trouxe em mim a vontade de ensaiar algo que fosse como aquilo que Barthes chama de “escrever a leitura”. Ou seja, o ato de ler, de completar, imaginar, co-autorar o livro, transformado também em ato de escrever sobre o livro. Uma potência da literatura que transforma leitura em escrita dos efeitos do ato de ler.

Como se Estivéssemos em Palimpsesto de Putas é um livro recheado de “momentos de verdade” barthesianos, ou seja, frases que precisei ler e reler, cuja profundidade provoca uma reação no corpo que gera o gesto-chave da leitura *à la* Barthes: o levantar a cabeça, a descontinuação da leitura¹. Esse gesto apareceu em minha leitura junto a um elemento mais profundo: o livro constrói e figura lugares familiares a mim, que efetivamente produzem uma proximidade que, apesar de casual, parece dizer muito dos processos de recepção e co-construção da ficção em uma relação entre escrita e leitura.

O romance de Vigna se lança à leitura sem muito desconcerto, há uma fluidez no texto que parece originar da simples premissa que movimenta a trama.

¹ Nas palavras de Barthes: “ler levantando a cabeça”, em BARTHES, 2012.

O personagem João, um colega quase por acaso da narradora sem nome conta as suas histórias de aventuras extra-conjugais com prostitutas. A fórmula da patológica fixação de João pelas prostitutas é simples: a toda vez que ele viajava a trabalho, uma nova prostituta era convocada, cada vez um novo nome, cada viagem uma nova coleção de experiências que se assemelham, sem ser iguais. Daí justamente o título do livro, daí o palimpsesto de putas. E são essas histórias, contadas em encontros que se dão sempre no escritório de João em Botafogo, que fundamentam a narrativa de Vigna, em um ir e vir embaralhado que leva ao divórcio de João e Lola, sua esposa.

Para além da premissa do texto e de seus personagens, o que chama a atenção em *Como se Estivéssemos em Palimpsesto de Putas* é sua construção de lugares. A rua Marquês de Olinda do romance — onde ocorrem os encontros da narradora e João e onde as histórias tomam corpo pelo verbo — remete a outras ruas de Botafogo. Ruas iguais, implacáveis, vazias e com o sol duro do verão carioca, como no romance.

O bairro de Olaria, o local de origem suburbana de João, é apresentado como um substituto fantasmagórico para a própria zona norte, uma sinédoque que faz pensar na casa da minha avó, em um subúrbio tão comum quanto aquele construído no livro. Mesmo quando a narrativa sai do Rio de Janeiro, acompanhando João em suas aventuras a trabalho que são sempre também aventuras em prostíbulos, o faz para São Paulo ou Brasília, cidades que aparecem no texto como substantivos autocontidos que promovem imagens indefinidas desses lugares. Vigna parece então trabalhar e jogar com as imagens comuns dos lugares que localizam o romance. Seu uso de poucos adjetivos que caracterizem essas cidades visitadas corrobora também com certa indefinição presente na revisitação de lugares pela memória. Ou seja, o procedimento fortalece a impressão durante a leitura de que as

histórias de João passam pelo campo da lembrança, da espectral presença de lugares e ações do passado no imaginário do personagem.

O livro até mesmo se aproxima de um ambiente muito próximo a minha própria experiência, a Praça Tiradentes e o bar Imperatriz. Porém sua aproximação se dá quase subrepticiamente, por lugares nunca visitados, mas conhecidos, imaginados. O Centro de Artes Hélio Oiticica e o hotel miserável de prostitutas que João visita são paisagens comuns para qualquer um que tenha caminhado pelo entorno da Praça Tiradentes. Contudo, a apresentação textual desses lugares se dá formando-os como presenças quase fantasmagóricas, prédios-miragens de uma qualidade espectral, cuja indefinição é a principal ferramenta de formação de presença durante o ato de leitura. São esses espaços indefinidos que permitem uma visitação imaginária pelo leitor, uma conexão vaga e, no entanto, profunda com a geografia imaginada que compõe a obra.

As histórias que João conta, e a narradora sem nome reconta, passam por locais que, por vezes, são familiares por fora, algo que eu chamaria de um conhecimento de fachada. Como é o caso do late Clube, onde jamais pisei, mas o qual posso perfeitamente visitar na imaginação, sua fachada está impressa na minha memória. Esse romance, independentemente de sua boa construção de personagens complicados, de uma narradora autocrítica, presente e consciente de sua presença, me chama a atenção por sua coincidência com algo vivo. Falo mais especificamente em relação à minha série de locais visíveis, visitados e guardados na memória. Elvira Vigna, por acaso, escreveu um roteiro de viagens que se parece muito com meu próprio deslocamento pelo Rio de Janeiro. A minha experiência de leitura, intransferível, ainda que inserida em um campo mais amplo de leituras possíveis do romance, mostrou a capacidade mnemônica da revisitação de lugares através da literatura.

A Saquarema de *Como se Estivéssemos em Palimpsesto de Putas*, na qual os personagens têm um encontro duro, redentor e vingativo — o ápice trágico do romance que também significa uma inversão nos papéis de poderes, Lola, a mulher tomando para si a indiferença e a decisão sobre vida e morte que por vezes é privilégio dos homens — é tangencialmente parecida com a Saquarema que frequento e frequentei durante todos os meus verões, ou seja, na leitura do romance essa Saquarema do texto se choca com a presença imaginativa e mnemônica dessa cidade — também ficcional à sua maneira — que eu conheço bem, ou acredito conhecer. Esses lugares que Vigna figura, reconstruindo-os através de uma operação mimética, se apresentam como uma representação que se dá por uma cópia não exata da memória, uma fantasmagórica expressão de lugares visitados incontáveis vezes. O local familiar então reaparece como um estranho, um duplo.

De certa maneira, visitar através da história de João, Lola e a narradora anônima esses lugares ficcionalizados promove um efeito de estranho-familiar. *Unheimliche* no vocabulário freudiano². Trata-se de uma reconstrução do familiar, ou uma revelação, através da ficção, da arte das palavras, dos locais que pertencem a um imaginário geográfico particular. O aparecimento desse sentimento tão bem traduzido ou constituído por Freud é fortuito, faz lembrar do caráter de análise dos encontros de João e a narradora. Encontros em um escritório vazio, “inchado de livros”, que efetivamente servem a João como um lugar aonde se pode contar a história de si mesmo e no qual a narradora, tomando um papel comparável à psicanalista, cujo “escutar” é primordial, torna-se o instrumento que permite e valoriza a fala do outro.

Essas coisas, então, que ele acha que existem e que quer encontrar, são o motivo de ele perder o olhar na janela fechada do escritório em Botafogo. Um lugar onde eu e ele ficamos nos fins de tarde, onde ele me conta o que conta, tantas vezes, e

² FREUD, 2010.

que é um lugar que não é dele nem nunca será. Nem meu. Nós dois lá, iguais, perdidos, iguais. Tantas vezes. (VIGNA, 2016, p. 13)

Esse primeiro estabelecimento da situação apresenta já os encontros de João e da narradora-personagem como buscas de um entendimento maior de ambos os personagens sobre si mesmos — emulando e ressignificando as possibilidades da atividade clínica psicanalítica — assim como indica também a apresentação de lugares tal como estará estruturada durante todo o livro: uma espectralidade que se traduz por um sentimento de que estes lugares não se podem ser apossados, lugares onde só se pode estar perdido.

A minha experiência de leitura indica que a ficção, assim como o bairro de Botafogo no texto, tem um lugar tangencial, uma proximidade-longínqua ou um indizível caráter familiar em relação aos seus objetos que representa. O lugar criado na ficção não é, nem *deixa de ser* o local ao qual ele se refere, o qual ele representa, indicando uma relação muito mais complexa e intermediada por múltiplos campos ao mesmo tempo entre a mimesis e o “mundo”. Ficção e vida apareceram em minha leitura de Vigna como elementos mesclados que provocam um redemoinho de estranhos sentimentos de nostalgia, de saudade pelo real, que é também a nostalgia pelo ficcional. Não nos comunicamos somente em ficções, nem só em experiências, todavia através dessas categorias as palavras flutuam e criam lugares espectralmente próximos de nós como os caminhos de *Como se Estivéssemos em Palimpsesto de Putas*.

Talvez em paralelo a essa estranha flutuação da geografia ficcional do livro de Elvira Vigna, apareça o personagem fluido de Lurien, um ele/ela indefinido, que não se fixa nos lugares-comuns esperados. Um vizinho-amante de João, um amigo inesperado da narradora, esse personagem se demonstra sempre em sua indefinição, sempre fugindo de papéis únicos. Talvez o maior exemplo de viver o não lugar seja esse corpo cujo local não é e nem

pode ser descrito pela linguagem. Talvez ainda os bairros e cidades do livro também sejam como Lurien, estranhos às palavras.

A exploração da ficcionalização de locais e suas tensões com a imaginação e memória parecem um campo fértil para a interpretação de obras literárias, e os lugares do romance de Elvira Vigna me contaram muito sobre a ficcionalidade de qualquer geografia. Bem como há algo que desperta quando diferentes geografias imaginadas se chocam e, mais importante, se sedimentam — em palimpsesto — tal como as putas de João, tais como nossos deslocamentos geográficos do cotidiano. Como em um espelho quebrado, esses lugares aparecem reconhecíveis apenas por alguns segundos antes que a imagem se desfaça, que a ilusão da presença desmonte.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

FREUD, Sigmund. O inquietante (Das Unheimliche). In: _____. *Obras Completas de Sigmund Freud*, v. 14, p. 328-376. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1919).

**Recebido em 26 de abril de 2017.
Aceite em 18 de junho 2017.**

Como citar esta resenha:

MIRANDA, Gabriel Fernandes de. Como se estivéssemos em Palimpsesto de Putas, de Elvira Vigna. Rio de Janeiro, *Palimpsesto*, n. 24, p. 182-187, jan.-jan. 2017. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num24/resenhas/Palimpsesto24resenha02.pdf> >. Acesso em: **dd mmm. Aaaa**. INSS: 1809-3507